

Os “emos das antigas” e os “posers de emo”: identidades, conflitos e estigma na cena musical roqueira

*The “Emos Of Old Ages” And The “Posers Of Emo”: Identities, Conflicts And
Stigma In The Rock Musician Scene*

Raphael Bispo



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1578>

DOI: 10.4000/pontourbe.1578

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Raphael Bispo, « Os “emos das antigas” e os “posers de emo”: identidades, conflitos e estigma na cena musical roqueira », *Ponto Urbe* [Online], 6 | 2010, posto online no dia 31 julho 2010, consultado o 23 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1578> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1578

Este documento foi criado de forma automática no dia 23 Abril 2019.

© NAU

Os “emos das antigas” e os “posers de emo”: identidades, conflitos e estigma na cena musical roqueira

The “Emos Of Old Ages” And The “Posers Of Emo”: Identities, Conflicts And Stigma In The Rock Musician Scene

Raphael Bispo

- 1 Nos últimos anos, o rock foi tomado por uma onda sonora bastante peculiar, que favoreceu certa matização da imagem de virilidade baseada em composições de protesto social comumente associada aos adeptos deste estilo de vida. Os jovens emos – roqueiros sentimentais ouvintes de emocore¹ e valorizadores de atitudes românticas e hedonistas – vem colocando em xeque alguns “paradigmas” do rock, contribuindo para a instauração na contemporaneidade de uma grande tensão entre os fãs deste gênero da música. Dessa maneira, o presente artigo busca contribuir para uma reflexão acerca do estilo de vida dos emos e os conflitos que ele engendra, tendo como base uma pesquisa de campo realizada com alguns destes jovens de camadas populares do Rio de Janeiro.
- 2 O foco da análise incide sobre as acusações e tentativas de estigmatização feitas pelos “emos das antigas” aos novos fãs do gênero, classificados por eles como “posers de emo”. A proposta é pensar os processos de rotulação e marcação dos sujeitos a partir de uma perspectiva interacionista², tendo em vista que tanto os acusadores quanto os estigmatizados adotam modos de comportamento e expressão de si específicos. Como manifestam os seus ressentimentos os “emos das antigas”? o que dizem sobre si e sobre os “posers”? e estes, como reagem às acusações? em que circunstâncias elas são bem sucedidas, no sentido de serem aceitas por eles?
- 3 A resposta a estas indagações nos leva a compreender melhor a dimensão processual e conflitiva das “identidades” dos emos, afastando-nos de enxergá-las como um todo homogêneo e coerente. Sendo assim, a maneira como os jovens formulam suas acusações e instigam conflitos entre si mesmos nos permite dar uma atenção especial neste trabalho

às fronteiras identitárias do grupo de emos³ e à sua manutenção, nos termos de Barth (2000).

A pesquisa de campo

- 4 A pesquisa de campo foi realizada entre os meses de julho de 2007 e fevereiro de 2008, período em que o movimento adquiriu grande número de fãs no Brasil e os conflitos e tentativas de demarcação de fronteiras entre eles tornaram-se mais acirrados. No Rio de Janeiro, foram criados diversos espaços de confraternização entre os jovens, principalmente na zona norte e subúrbios. Apesar de existirem emos de camadas médias, a maioria dos adeptos são pessoas oriundas dos setores mais populares da cidade. Convivi durante esse tempo com cerca de cinco amigos emos moradores destas regiões, seja pela internet, seja em espaços “reais”.
- 5 Um dos locais de socialização destes jovens era o Orkontro, que ocorre na Quinta da Boa Vista, um parque público de grande valor histórico localizado no bairro de São Cristóvão (Zona Norte). Ele é um espaço com extensos jardins utilizados para encontros de famílias, que aproveitam os finais de semana para fazer piqueniques, atividades físicas e oferecer às crianças um lugar onde possam se divertir. Comecei a frequentar o parque na medida em que Florzinha, Lili, Cucky, Machucado e companhia – os jovens que se tornaram os meus principais informantes – eram assíduos frequentadores do Orkontro. O evento recebe esse nome porque é idealizado a partir de discussões na rede virtual Orkut. Por meio da comunidade “Orkontro Emo Oficial” são marcadas as datas e horários de sua realização, geralmente no primeiro sábado do mês, pela tarde.
- 6 Os emos fazem do evento uma concentração de jovens agitada, que circula incessantemente pelo parque, disparando *flashes* fotográficos e brincando por diversos de seus percursos verdes. Alguns carregam consigo mochilas com comidas e divertimentos como bolas e malabares. Outros, inúmeras garrafas de bebidas alcoólicas. Eles vêm de diferentes regiões da cidade – em sua maioria de bairros da Zona Norte e subúrbios – com idades entre catorze e dezenove anos, vestidos para uma festa, uma grande confraternização a céu aberto.
- 7 O Orkontro chega a reunir cerca de cinquenta pessoas. Como não há música, os jovens não cessam de conversar. Fala-se a esmo, sempre num tom bem alto. A ocasião é importante para o debate de questões pessoais, que irrompem sobre temas que seriam comuns a todos ali, como o emocore. Os problemas de relacionamentos amorosos e as “descobertas” dos jovens sobre suas sexualidades são a tônica das conversas. Na amizade do encontro, beijos, abraços, estalinhos e pequenos afaços substituem apertos de mão, empurrões, tapas ou brincadeiras violentas. O Orkontro é para muitos um espaço de “pegação”, termo utilizado por eles para se referir a essa combinação entre álcool, flertes e beijos na boca. Nos contatos, é incessante a produção de imagens fotográficas. Poses variadas estimulam as interações e podem garantir uma paquera.

Os “emos das antigas” e suas insatisfações com os “posers de emo”

- 8 Gostaria de focar, a partir de agora, as reações de alguns emos frequentadores do Orkontro no que tange: (1^a) às mudanças ocorridas no movimento devido ao crescente

número de pessoas que se dizem fãs do estilo ao longo dos últimos anos; (2º) à crítica relativa à associação do evento como locus de “pegação” e, em contrapartida, à maciça adesão de não-heterossexuais ao emocore. O destaque aos comportamentos reativos e suas contra-respostas procura favorecer a construção de uma etnografia das acusações e tentativas de estigmatização realizadas por um grupo de jovens do movimento emocore em oposição a outros emos muito próximo deles.

- 9 Os acusadores se intitulam “emos das antigas”. As construções e (re)formulações que fazem da imagem de si frente às suas sensações de pertencimento a uma mesma coletividade – alicerçada por um gosto musical em comum pelo emocore (algo em torno do que é “ser” emo) –, tomam como contraponto outros ouvintes do mesmo estilo de música, ou seja, sujeitos que se expressam diferentemente destes, mas que, de alguma maneira, alegam pertencimento a este coletivo “emo”. Os jovens a quem os “das antigas” procuram se afastar são rotulados por eles de “posers”, criticamente avaliados como “não sendo” emos. O resultado desse processo de construção identitária é que os “das antigas” passaram a depositar nos “posers” marcações depreciativas e características tidas como abomináveis para um “emo de verdade”, reduzindo-os a elementos negativos ou pouco apreciados para um fã de rock.
- 10 Portanto, nota-se aqui o caráter interativo do processo de estigmatização. Os atributos e informações estigmatizantes – as “culpas de caráter individual” por quais viriam a passar muitos “posers” (Goffman, 1988, p: 14) – não existem por si mesmos, isto é, eles não são qualidades inatas residentes nos comportamentos dos sujeitos. Os estigmas emergem a partir das relações sociais estabelecidas entre os emos “posers” e os “das antigas”, que em comum possuem apenas o interesse pelo emocore. O que os “emos de verdade” dizem acerca dos outros emos só faz sentido quando ambos se encontram numa interação, trocando informações de si. Seguindo a idéia de Goffman,
 - o termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma *linguagem de relações* e não atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a realidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desonroso (Goffman, 1988, p: 13, grifo meu).
- 11 Passemos assim à “linguagem de relações” do estigma que emerge das interações entre os “emos das antigas” e os ditos “posers”. Quando comecei a minha pesquisa sobre os emos – em meados de 2007 – as acusações eram formuladas de uma maneira diferente das que viriam a eclodir nos discursos de certos jovens pouco tempo depois. Em alguns momentos de um sábado no Orkontro, eu conversava com Pedro e amigos sobre o movimento emocore na cidade. Eles ocupavam um espaço específico no lugar onde acontecia a reunião, um tanto destacados da massa agitada de paqueradores. Sentados ao redor de uma mesa de cimento, uma das primeiras coisas que os destacados emos buscavam me alertar ao saberem de minha pesquisa era de que o Orkontro e o movimento emo não eram mais os mesmos. Tudo havia se transformado e isso precisaria ser registrado quando eu contasse a trajetória do emocore na cidade. As coisas andavam diferentes, “complicadas”, tomando um rumo que eles não sabiam ao certo onde iria terminar. Esses amigos consideravam que eu não poderia escrever uma espécie de histórico retilíneo e homogêneo do emo. Fazia-se necessário construir um “antes e depois”, os momentos de transição, ruptura, e destacar o quanto “antes era muito melhor” do que agora.
- 12 Mas o que tanto os deixava insatisfeitos na trajetória da música emo na cidade? Para me explicar suas frustrações, Pedro e colegas remontam a um passado recente e me contam

que por volta de um ano antes daqueles sábados, alguns emos começaram a se reunir na Quinta a fim de conversar sobre músicas e trocar informações sobre bandas. Na origem, lembravam com um tom saudosista, o parque surgiu como um local para tais contatos entre fãs, por ser um ambiente público e aberto a todos. Pedro e os quatro amigos estiveram presentes no primeiro Orkontro no parque. Na época, a ocasião serviu também para esses jovens – cerca de dez, no máximo – se conhecerem fora da *web* e constituírem novos amigos.

- 13 Ainda segundo eles, naquele tempo só iam para a Quinta “emos de verdade”, que curtiam o som e sabiam as “origens do movimento”, enfatizava Pedro, de 19 anos. “O Orkontro não era lotado. O emocore não tinha se popularizado e todos gostavam de conversar sobre as músicas”, complementava Leeh, também em seus 19. É necessário ressaltar o orgulho com que os amigos um tanto *outsiders* no sábado se declaravam como “emos de verdade” ou “emos das antigas” – auto-classificações que se revejavam em suas falas –, além do prazer com que enalteciam o fato de terem sido “os primeiros a ouvirem emocore no Rio”. “Antes de ninguém ouvir falar, nós já o conhecíamos”. Através da internet, teriam descoberto bandas e canções que só viriam a ser muito comentadas um tempo depois⁴. A “popularização do emocore” era a maneira como eles chamavam o aumento no número de fãs do estilo, levando o Orkontro a lotar de interessados. Isso era um grande problema, segundo suas expectativas, não devido ao crescimento quantitativo de adeptos do gênero. A grande tensão era causada por uma suposta onda de baixa qualidade trazida ao rock pelos “posers” de emo.
- 14 O termo “poser” é uma classificação pejorativa comum na cena do rock e também disseminada entre os emos para se referir a um indivíduo tido como um impostor – um “pseudo-emo” –, alguém que adere ao estilo apenas por “moda” e se associa aos interesses lucrativos das grandes gravadoras e bandas de som pasteurizado. Eles não são “emos de verdade” – e muito menos “das antigas” – na medida em que se afastam de um conjunto mínimo de exigências para serem tidos com tais. O “poser” é um embuste, uma releitura mal feita dos verdadeiros fãs de emo. Se quisermos pensar nos termos das propostas interacionistas de Goffman (1985), o “poser” é o indivíduo desautorizado por uma determinada platéia a desempenhar um papel em questão. As impressões falsas e um tanto impostoras que específicos emos transpassam àqueles que se intitulam “das antigas” faz com que estes últimos os vejam com descrédito. Logo, a maioria dos novos emos é rotulada pelos “emos das antigas” como “posers”, já que não seguem os pré-requisitos para serem vistos como verdadeiros fãs de emocore. Tadeu, de 18 anos, me explicou pelo *msn messenger*⁵ um certo tempo depois, o incômodo deles e seus amigos com relação à “popularização” do emocore na atualidade e o aumento desenfreado de “posers”. Peço que o leitor atente para o fato dele se referir aos problemas de maneira ampla, destacando as questões em termos do processo de produção e difusão da indústria fonográfica, e evitando fazer qualquer comentário sobre os jovens da Quinta, os mais próximos deles e que viriam ainda incomodá-lo muito.

Tadeu: hoje essas bandas *fake* são tudo *poser*.

Eu: o que vc quis dizer com *poser*? Naum entendi... hehehe

Tadeu: o que estou querendo dizer é que ao meu ver parece que as bandas foram ficando cada vez mais distantes de um “ideal” de som emo mas que foram essas bandas que tinham uma ligação “fraca” com esse ciclo anterior [bandas *underground* de Washington, de 1985] quer foram as bandas que fizeram sucesso e então como *mainstream* tem esse poder, foram elas que passaram a ser as bandas emo. Por exemplo o Fresno dizia-se shoegaze [estilo alternativo de rock] em uma página deles na internet, eu jovem preguiçoso e desinformado, ouço Fresno na rádio e acho

demais, vou procurar informações deles na internet e o que acho? ELES se autodefinindo como tal, então eu começo a achar que ISSO é shoegaze... no meu pensamento algo assim começou a acontecer com o emo, as bandas começavam a fazer um som que passou a ser muito popular e começavam a se definir já com uma visão deturpada do que seriam tocar emo (e o pior SER emo)

Eu: então naum existe mais banda emo?

Tadeu: Hj em dia não... só ficou o som das mais antigas...⁶

- 15 Esses “emos das antigas” se dizem atualizadíssimos no que diz respeito à música rock no mundo inteiro e assumem o típico “tom moralista” identificado por Becker (1982) como característico dos discursos dos críticos especializados. “They take for granted that their job is to find a foolproof formula which will distinguish things which do not deserve to be called art from works which have earned that honorific title” (Becker, 1982, p: 137). No trecho da conversa, Tadeu faz referência a bandas emo *underground* – um sinônimo para “alternativo”, isto é, aquilo que é contrário ao banalizado e massivamente difundido pelas grandes empresas de entretenimento – e outras ditas *mainstream*, ou seja, as mais comumente ouvidas e que dominam os meios de comunicação, mas que não devem ser compreendidas como produtoras de um rock artístico. Os “emos de verdade” dizem ser admiradores do som *underground*, gosto que fazem questão de reafirmar como elemento de distinção deles entre os outros emos. Bandas norte-americanas como *Embrace*, *Rites of Spring* e *Sunny Day Real Estate* são exaltadas como produtoras de um som original, de qualidade e “não vendido ao sistema”. Elas não existem mais e estão associadas a uma onda anti-punk de meados dos anos 80, grande responsável pela emergência do movimento emo nos EUA. Apegar-se a um conjunto de bandas pouco conhecidas e atualmente inativas confirma o privilégio dado pelos “das antigas” àquilo que é originário e inédito.
- 16 Por outro lado, os grupos musicais mais recentes e ligados às grandes gravadoras internacionais como *My Chemical Romance*, *Fall Out Boy* e *Panic! At the Disco* são por eles condenados por supostamente produzirem um som musical ruim, “uma visão deturpada do que seriam (sic) tocar emo” nas palavras de Tadeu. Em suas tentativas de se distinguir dos novos fãs do estilo, os “emos de verdade” acusam os “posers” de serem ouvintes apenas desse último e “fraco” momento musical. Eles dedicam-se ao mais palatável e de fácil acesso, além de não terem interesse em se informar sobre os primórdios do movimento. Os “posers” não conheceriam o emo *underground*.
- 17 Ainda por essa primazia dada ao legado emo, os “das antigas” tentaram em vão chamar a atenção dos “posers” acerca da importância de não se ouvir apenas a música emo atual e *mainstream*. Como Pedro destacou em nossa conversa pelo *msn*, eles buscaram “abrir seus olhos (ou ouvidos)”, mas nunca conseguiram obter uma resposta positiva. Os “posers” se recusavam a fazer uma arqueologia do emocore.

Eu: então vc naum gosta dos *posers* porque eles só curtem bandas novas?

Pedro: Eu, assim como a maioria dos emos de verdade, creio, amam esse estilo de música mais do que tudo. O que é nosso real emo em si. Muitas vezes, sou compelido a mostrar pros *posers* e desconhecidos a beleza desse tipo de música. Passo pra eles via *msn*, ponho pra escutarem no meu *Ipod*, no carro ou sei lá. Sinto um enorme orgulho quando as pessoas reconhecem e gostam. Mais fico extremamente puto quando nao conseguem sentir a beleza que o som transmite. Me esforço pra tentar abrir seus olhos (ou ouvidos), mas não adianta. Não sei se é estupidez da minha parte. Mas eu sinceramente fico nervoso, tentando entender o porquê da pessoa não gostar. Bom, enfim..isso foi só um desabafo. Vc pode achar ridículo e já espero uma opinião antagonica a minha... hahahaha....

Eu: Relaxa, ainda estou pouco interado desse assunto... estou acompanhando o que vcs dizem, só isso. Sinceramente, naum tenho opinião formada. J.

Dos “posers” e suas sexualidades não-convencionais

- 18 Os incômodos dos “das antigas” com os “*posers*” não se reduzem a divergências de gosto musical. Como disse Tadeu, estes possuem uma “visão deturpada do que seriam (sic) tocar emo”. Além disso, provocam uma maior insatisfação – e, assim, uma oposição cada vez mais acirrada – ao confundirem o que é “SER emo”, denominação utilizada pelo mesmo Tadeu no *msn*. Agora, veremos como os comportamentos afetivos-sexuais e as maneiras de apresentação de si dos “*posers*” são julgados pelos “das antigas”.
- 19 As transformações nas dinâmicas do Orkontro eram uma grande revolta para os “emos das antigas”. No passado, o evento não tinha o objetivo de promover “pegação”, e isso os deixava muito furiosos, talvez mais do que o mau gosto musical dos “*posers*”. Eles dizem que querem conversar sobre música, e não beijar na boca em pleno sábado à tarde. Isso eles fazem com suas respectivas namoradas ou em shows de rock em casas noturnas.
- 20 Como demonstrei em outro lugar (Bispo 2009), inúmeros desses emos participantes das paqueras se apresentam por meio de uma “identidade de gênero” não-heterossexual. Florzinha dizia “estar HTML” (hétero-meio-lésbica) naquele momento e Lili manifestava interesse por mulheres. Em meus dados de campo, percebia que os poucos que se diziam heterossexuais eram os rapazes que se auto-classificavam “emos das antigas” ou “de verdade”, alguns com suas namoradas participando do Orkontro. Era nítida a predominância ali de sujeitos que se diziam gays, lésbicas, bissexuais, ou seja lá qual fosse a denominação. Pedro, Leeh e Tadeu – os “emos das antigas” – se apresentavam como heterossexuais. Florzinha, Lili, Cucky e Machucado – alguns dos jovens acusados de serem “*poser*” – são qualquer coisa, menos heterossexuais. Senão exclusiva, tal perspectiva era ao menos predominante.
- 21 Havia entre os “*posers*” uma valorização positiva da “homossexualidade”, uma incitação um tanto romântica à experimentação homoerótica. Quando chegava ao evento um emo desconhecido, a apresentação de si para os demais era um momento demonstrativo do quanto ali era um espaço para “pegação” não-heterossexual. Ao conhecer um novo emo, imediatamente se pergunta “qual é a sua?”. Na hora e sem rodeios. “Você é gay, bi, hétero? Está aqui para o quê?”. Os propósitos são logo explicitados, com cada um revelando a seu modo suas opções e objetivos.
- 22 A maioria das falas naquela situação de paquera é entrecortada por brincadeiras de duplo sentido ou expressões que remetem sempre a temáticas sexuais. “Escorregou na mandioca, cuidado que vai gostar!”, “Viado não morre, vira purpurina”, “Relaxa, bicha. Seu bofe daqui a pouquinho tá aí!”, entre outras, podem nos servir de exemplos descontextualizados de como as questões de gênero e sexualidade perpassavam as inquietações do grupo. Weeks e Porter (1998) falam de uma “cultura homossexual” quando se referem ao compartilhamento de certos gostos e interesses entre os homossexuais ingleses que vivenciaram a experiência de terem suas práticas homoeróticas proibidas por lei. Acredito ser possível também pensar aqui de uma “cultura homossexual” disseminada entre jovens cariocas e recorrente entre os “*posers*” da Quinta. Gírias, formas de expressão, interesses em certas músicas e cantoras ilustram “the existence of an already complex and widespread homosexual culture, with its own mores and rituals, language and institutions, meeting places and sexual practices” (Weeks

- e Porter, 1998, p: 4). Tanto que são estas demarcadas manifestações que auxiliam os “das antigas” a identificarem e formularem suas críticas homofóbicas, procurando ao mesmo tempo cada vez mais delas se afastar.
- 23 Todos os flertes do Orkontro estimularam os “das antigas” a intensificar a sua oposição aos “posers”. As atitudes buscavam cada vez mais estigmatizá-los pelas supostas incompreensões do que é “ser emo”. Pedro e os amigos diziam que os novos adeptos compreendiam de maneira equivocada o valor dado às sensibilidades pelo emocore. Seria em oposição à virulência punk e suas canções de protesto social que as antigas bandas emo começaram a escrever sobre amor. A sentimentalidade era um valor erigido pelos “das antigas” em contraposição a outros grupos do rock, e não para incitar o “homossexualismo e a pegação desenfreada”. Para os acusadores, o emo demonstrou ser possível falar de amor fazendo uso de acordes agressivos e tons de voz exaltados. Não é porque as músicas abordam temas amorosos que elas não são rock. O ritmo continua ali vigorante, na combinação máscula de *riffes* e sons pesados de bateria. Mas não seria possível que isso fosse confundido como “coisa de mulherzinha” e muito menos “música de veado”. Ela seria feita pelos jovens não-heterossexuais que cada vez mais passavam a ouvir emocore.
- 24 “Emo não é música gay”. “Emo é rock”. “Emo é som de macho”. Por meio dessas expressões, os críticos reconhecem a associação comumente feita do mundo feminino e, por conseguinte, dos homossexuais, ao passional e à facilidade para elaborar discursos emotivos. Na mesma medida em que tentam fugir dessas reificações – visto que se vêem como “machos” mas ouvintes de músicas sentimentais – acabam por ratificá-las ao criticar a presença de não-heterossexuais na Quinta, justamente porque as músicas falam de emoções. Os “das antigas” procuram se afastar de uma masculinidade hegemônica, tão bem demonstrada no rock punk e headbanger e suas músicas ditas “racionais”. Entretanto, esse afastamento precisa ter um limite, uma fronteira, impedindo que se os confunda com os sentimentalismos associados às mulheres e não-heterossexuais masculinos. Aos olhos dos outros, os “das antigas” temem serem identificados por homossexuais. Se já eram necessárias explicações aos ouvintes do rock para letras amorosas, a existência de “posers” favorecia novos tipos de constrangimentos, difíceis de serem contornados.
- 25 Portanto, os “das antigas” constatavam na identificação de homossexuais com o emocore a eclosão de “posers” na Quinta e a transformação do evento num lugar para “pegação”. Quando o estilo de vida não era conhecido, não existiam tantos gays e lésbicas se apresentando como emo, diziam. Tudo começou quando ele tornou-se “emodinha” para alguns jovens. A música não participaria da pauta de interesses de tais sujeitos. Faltava neles saber o que era “ser emo”, ter uma “atitude emo”. Para os “das antigas”, antes não havia homossexuais no emocore. Agora, os que existem não são “de verdade”. Eles “mancham a imagem” do emo por aparentarem interesse apenas nas vestimentas e flertes ao ar livre.
- 26 A questão estética é outro foco de tensão. Pedro e amigos se vestem de preto com blusas contendo imagens das bandas. Roupas discretas e masculina, sem qualquer tipo de produção em seus cabelos. Eles eram curtos, cortados em asa-delta. Maquiagem era outra coisa impensável.
- 27 Já os ditos “posers” investem numa vestimenta original, por meio de cores, acessórios e tinturas que realçam a aparência. Os objetivos são opostos ao da “estética básica” (Almeida e Tracy, 2003, p: 187). É preciso chamar a atenção, destacar-se entre os pares. O

preto – tão associado ao mundo do rock graças aos headbangers e punks, cujas roupas se resumem a jaquetas, pinos e blusas de bandas favoritas – está bem presente, convivendo em harmonia com outras cores “inusitadas” como o rosa e o amarelo. Colares, pulseiras e cintos variados são combinados com tênis, blusas e calças de diferentes colorações, não importando se determinado acessório é típico dos guarda-roupas femininos ou masculinos. Os rapazes curvam e dão volume aos seus cílios por meio do “pretinho básico da maquiagem”, o rimmel. Algumas garotas usam bonés de skatistas, com a aba virada para trás, ou cabelos bem curtos e arrepiados com gel. Além disso, é constante a utilização, por todos, de camisetas com estampas de desenhos animados infantis.

- 28 Por exemplo, Florzinha usava mini-blusa colocada ao corpo com flores desenhadas. Calça jeans escura, também bastante justa, e tênis *all-star* rosa completavam o figurino. Os cabelos, alisados por meio da chapinha, estavam amarrados com uma faixa branca. E claro, estava lá a vultosa franja. Bem grande e lisa. “Lisíssima”, diria ela, além dos leves tons mais claros, um louro quase branco, resultado da descoloração dos fios de cabelo com água oxigenada. Um volumoso colar com grandes bolas pretas e brancas alternadas envolviam seu pescoço. Nos pulsos, braceletes também generosos constituídos de pequenos quadrados *black and white*. Os olhos desenhados com longo traço preto. A boca, pintada de rosa claro, sugerindo inocência. Sua pouca idade era “denunciada” pelas espinhas que persistiam em pulsar em seu rosto. Uma leve base tentava encobri-las, em vão.
- 29 Os “das antigas” acham que “posers” deturpam a vestimenta emo com “brilhos e paetês”, se “fantasiando” para beijar na boca. Em suas opiniões, os não-heterossexuais não gostavam do emcore, apenas das roupas de emo, que por sua vez não eram aquelas utilizadas por eles. “Antes isso não existia”. “O orkontro não era assim”. “Tá tudo diferente”. Inúmeras frases ressentidas poderiam ser aqui incluídas. Elas eram proferidas aos montes pelos “das antigas”. Os jovens já manifestavam ali um pensamento em abandonar os Orkontros. Não faziam isso porque ainda tinham alguns amigos que iam ao evento. Todavia, eles cada vez apareciam menos. Conversavam muito pela internet. Haverá um dia, diziam eles, que não aparecerão mais por lá e sabem, com convicção, que suas ausências não serão sentidas.

O rótulo que não incomoda

- 30 É importante verificar como os emos acusados de serem “posers” vivenciaram a tentativa de estigmatização por parte dos “emos das antigas”, a partir das interações de ambos os segmentos na Quinta da Boa Vista. Abordando a questão pela perspectiva inversa, a dos acusados, observamos em maiores detalhes as vicissitudes da “situação social” que é o Orkontro, nos termos de Goffman (1985, p: 11). Naquele espaço, os “das antigas” e os supostos “posers” estão em presença um dos outros, se comunicando e controlando mutuamente suas aparências e atividades. É neste momento que aqueles procuram imputar sobre estes informações construídas através de impressões anteriores ou transmitidas a eles a partir dos contatos propriamente ditos do Orkontro. E vice-versa. Portanto, nesta situação social estamos diante de uma das “cenas fundamentais da sociologia”, visto que ambos os próximos, porém antagônicos, segmentos do emo “enfrentarão diretamente as causas e efeitos do estigma” (Goffman, 1988, p: 23).
- 31 Às vezes costumava perguntar a certos emos se eles se consideravam “posers” tão como defendiam seus críticos. Esperando uma negativa rápida e um pouco ofendida, em muitos

casos ofereciam-me a humilde réplica: “Ah, sei lá! Todos somos *posers*, não?” ou “Pode ser, porque isso é invenção dos outros”. O tom com que formulavam as afirmativas me transmitia a impressão de dúvida ou, pelo menos, de que aquele tipo de acusação soava como descabida, sem lugar, ou até mesmo nunca antes refletida pelo acusado. O rótulo de “*poser*” só existia no discurso dos “das antigas”.

- 32 Além disso, quando perguntados sobre o que era “ser emo”, diziam que bastava escutar qualquer música mais emotiva para ser tido como tal. Não era preciso viver ouvindo o rock emcore. Qualquer pessoa “mais sentimental” poderia ser um emo, não apenas roqueiros. Flor se via emo por ser “muito emotiva”. A música apenas a acompanhava em situações introspectivas, “trancada no quarto” ou “pensando em alguém”. Lili também se dizia sentimental, e a expressão das emoções era o que valorizava na tentativa de identificar quem era emo. Os “*posers*” não negavam as acusações dos “das antigas” e, para não se verem obrigados a responder exigências alheias, defendiam um ideal de liberdade, a possibilidade “de ser o que quiser”. “Eu sou eu”, “eu faço o que quero”, “eu sou o emo que quiser ser”, proclamavam, sempre quando inquiridos sobre as críticas, nunca como um discurso recorrente e aberto.
- 33 Dessa forma, neste momento da pesquisa de campo – e esta é uma informação considerável visto que as configurações acusatórias se transformam ao longo de uma relativamente curta perspectiva diacrônica – as críticas feitas aos novos fãs não geravam dramas em seus círculos de amizade. Os “*posers*” não procuravam responder as provocações daquela “situação social”, já que fugir das linhas de atuação estabelecidas pelos “das antigas” não era um problema para eles. Portanto, o “*poser*” não vivia segundo aquilo que era exigido efetivamente dele pelos demais emos, permanecendo num estado de leve indiferença às demandas ao redor. “Protegido por crenças de identidade próprias”, nos diz Goffman sobre certos estigmatizados, “ele carrega um estigma, mas não parece impressionado ou arrependido por fazê-lo” (Goffman, 1988, p: 16). Mesmo que estivéssemos diante daquilo que o autor categorizou de um comportamento cínico (Goffman 1985, p: 25) – no sentido de uma impressão criada pela representação de um dado sujeito que, porém, não acredita na própria expressão por ele formulada – devemos observar como um dado sociológico relevante o fato do porquê dos “*posers*” agirem como se nada os estivesse preocupando, fazendo soar como brisas as investidas negativas dos “emos das antigas”. De acordo com o próprio Goffman,

Embora conservemos a noção do senso comum de que as aparências alimentadas podem ser desacreditadas por uma realidade discrepante, em geral não há razão para pretender que os fatos discordantes da impressão criada sejam mais a verdadeira realidade que a realidade criada, por eles perturbada. Uma opinião cínica das representações cotidianas pode ser tão unilateral quanto a que é patrocinada pelo ator. Para muitos acontecimentos sociológicos pode nem mesmo ser necessário decidir qual a mais real, se a impressão criada ou a que o ator tenta impedir que o público receba (Goffman 1985: 66).

- 34 Inclusive, os “das antigas” não emergiam nos discursos dos “*posers*” como seus *significant others*. Eles costumavam se referir a outros estilos juvenis para formularem as contraposições da imagem de si frente ao coletivo emo. Em sua página no Orkut, Florzinha disponibilizava uma imagem tirada no encontro de darks (também conhecidos como góticos) com a seguinte legenda: “Flor, a desejada: querida até entre os darks”. Parecia de seu interesse mostrar versatilidade entre as outras *youth culture*. E era. Achava que todas tinham que se misturar e mostrar o “poder contestador do jovem”. O grande problema, porém, eram os playboys e patricinhas. “Por causa da superficialidade deles”,

justificava. Destaca-se aqui o fato destes jovens referidos não serem os não-emos em geral. Trata-se de um grupo específico a que os “posers” costumam destacar características que não gostam nem um pouco, como andar com roupas caras e de marca, bem-calçados e se preocupar apenas com “futilidades” como automóveis, festas “badaladas” e boates da moda. Quando eles chamavam alguém de playboy poderia ser um insulto.

- 35 Por outro lado, os emos “farsantes” agiam tal como afirmavam seus acusadores, ou, melhor dizendo, eles realmente se apresentavam de acordo com certas formulações identitárias que aos olhos dos “emos das antigas” eram incômodas. Em meu caderno de campo, tenho algumas anotações que elucidam isso. Elas não só reafirmam que tais emos realmente pouco se interessavam no evento em discutir sobre a música emcore como ao mesmo tempo esclarecem o quanto os supostamente “posers” procuravam ir de encontro a essa segmentação do gosto musical em torno de um único estilo, tal como defendem os defensores da “tradição” emo. A única vez em que ouvi os acusados de serem “posers” conversarem sobre emcore foi entre biscoitos e refrigerantes, quando uma polêmica se instalou entre os amigos. O vocalista da banda *My Chemical Romance*, Gerard Way, seria homossexual? As preferências sexuais do cantor foram colocadas em xeque. Parte deles já havia atentado para uma canção, chamada *You know what they do to guys like us in prison*, em que o eu-lírico faz declarações de amor a um outro homem. “*Now, but I can’t / And I don’t know / How we’re just two men as God had made us / Well, I can’t... well, I can! / Too much, too late / Or just not enough of this / Pain in my heart for your dying wish / I’ll kiss your lips again*”. Os emos estranharam o refrão da canção, que parecia ser uma inquietação de Way em assumir ou não ser gay.
- 36 Além do mais, confirmando a impressão de interesse pelos “posers” em outros estilos musicais, surgia no Orkontro jovens distribuindo *flyers*, papéis impressos cujo objetivo é anunciar festas em boates da cidade. Um deles fazia referência à *Ultralovecats*, na casa noturna Fosfobox de Copacabana, reduto dos “modernos” das camadas médias do Rio. A festa é eclética e mistura “retrôpop”, “electropop”, “trashpop” e “pop-rock”. Isso significa músicas de cantoras como Britney Spears e Madonna, passando pelas canções emos mais *mainstream* e até mesmo funk. Ela acontece aos domingos, mas não é *matinê*. O *flyer* provocou entusiasmo em muitos “posers”. Entretanto, como boa parte deles está abaixo dessa faixa etária – e por morarem longe da Zona Sul – manifestaram pesar por não poderem ir a uma boate. A idéia de falsificar documentos utilizando programas de computadores foi lançada à baila. Um emo mais velho disse que devido a eficientes aparelhos instalados na entrada dessas casas noturnas era cada vez mais difícil acessá-las através dessa tática. O jeito era esperar a idade certa. Faltavam pouco anos, para alguns.
- 37 Em resumo, o estilo de vida dos “das antigas” valoriza que “ser emo” é conhecer em profundidade toda a trajetória do movimento emcore. Deve-se gostar de ouvir principalmente as bandas mais antigas e *underground* norte-americanas de meados da década de 80, não “vendidas” como as atuais, e que teriam produzido música emo original. O verdadeiro emo conhece muito pouco dos demais estilos musicais. Além do mais, não usa franja, não descolore os cabelos e muito menos pinta as unhas. Sua cor preferida é o preto, como a de qualquer roqueiro. Blusas coloridas, ursinhos de pelúcia e apelidos “fofos” seriam coisas de “emo veado”, cada vez mais presentes no Orkontro e algo muito condenado pelos “das antigas” devido à suposta leviana mistura que fazem entre ouvir letras sentimentais e se envolver em relações homoeróticas. O emo que não segue à risca essas exigências um tanto moralizantes em boa medida é um “poser”.

- 38 Entretanto, neste momento, o “*poser*” é uma *persona* para os “das antigas” e não para os estigmatizados. O rótulo existe enquanto categoria e “ator social” – no sentido de uma identidade que provoca certos sujeitos e deles exige formulações – no domínio da vida apenas dos seus enunciadores. Os novos emos não se vêem como “*posers*”, não se preocupam em ser vistos como “*posers*” e nem costumam acusar outros de serem “*posers*”. Eles promovem como estilo de vida que “ser emo” é ser sensível e hedonista. É possível ouvir variados estilos musicais e ser emo, na medida em que são livres para fazer o que desejarem. Os “*posers*” valorizam uma produção estética tida como original, bem como a adoção de um comportamento que procure não reafirmar as fronteiras de gênero.
- 39 Logo, suas impressões sobre o “ser emo” não eram abaladas pelas mais bem formuladas acusações dos “das antigas”. Os jovens não tinham a imagem que constroem de si confundidas pelas opiniões dos outros emos. As imputações estigmatizantes, nessa interação específica dos Orkontros, eram rejeitadas pelos “*posers*”. As marcações não surtiam efeito e muito menos eram incômodas. Até mesmo as sanções e tentativas de regulação de suas experiências homoeróticas por parte dos “das antigas” não eram capazes de fazer com que eles olhassem para suas próprias práticas como algo negativo e abominável. Os “*posers*” encontraram espaço no emocore para uma vivência estética e artística não condizente com pressupostos dos fãs de rock, como a possibilidade de ter relações erótico-afetivas com semelhantes, mesmo quando as circunstâncias tornavam-se desfavoráveis. O fato dos “das antigas” se sentirem marcados pela atitude da maioria emo presente no Orkontro, levava-os a ações um tanto moralistas e militantes.
- 40 Apesar dessas ousadias perante as limitações engendradas pelos “emos das antigas”, a partir de determinado momento de minha pesquisa de campo os rótulos ganharam mais força, cada vez mais sendo experimentados como um estigma pelos acusados (e fazendo os próprios “das antigas” examinarem seus interesses). O “*poser de emo*” tornava-se gradativamente uma pessoa marcada, que deveria ser evitada a todo custo, levando os sujeitos a reverem suas vivências no que tange à despreocupação com as classificações alheias, tão presente em outros períodos. É o que veremos a seguir.

Emo, eu?

- 41 Todos os “emos das antigas” participavam há mais de um ano dos Orkontros. Porém, isso mudaria no decorrer de minha convivência de seis meses com esses jovens. Muitos deles se afastaram depois de conflitos com os “*posers*” na internet. A decisão de não frequentar mais a Quinta era bem previsível. Os “das antigas” sempre levantaram essa hipótese. A insatisfação com eles era declarada e continuar interagindo era algo impossível. Matérias de jornais, *sites* de música, revistas de adolescentes, entre outros meios, apresentavam o emocore segundo a visão dos “*posers*”. O tema não saía das discussões da internet e muitos jovens passaram a utilizar o termo “emo” como sinônimo de homossexual. Isso tudo revoltava muito os “das antigas”.
- 42 Primeiramente, os “das antigas” começaram a defender a criação de um Orkontro com a presença de outros grupos juvenis. “Vamus começar a mudar isso!! Vamus fazer o Orkontro para todos, naum pra uns!!!!!!”, convocou Leeh. “A gente começou com o Orkontro. Naum vamos ser expulsos de lá”, sentenciou. Parte dos “*posers*” acusaram os “das antigas” de preconceito, achando que por trás dessa atitude existia um desconforto pela existência de gays e lésbicas afinados com o emocore. Em defesa, eles diziam não ter

nada contra existirem emos homossexuais, apenas não admitiam a presença de pessoas que não curtiam o som e, sim, as “sacanagens” nos jardins da Quinta. “Naum sou preconceio! mais acho q muito do Orkontro é *poser* e não emo d verdade”, continuava Leeh, o grande instigador da onda “das antigas”, que contava com pouco mais de cinco críticos (Leeh, Pedro, Tadeu e outros dois emos).

- 43 A partir desse momento, os “das antigas” decidiram não mais se encontrar no primeiro sábado do mês junto com os demais emos. Por serem uma minoria, incapazes de fazer frente aos interesses coletivos dos “*posers*”, eles construíram uma nova comunidade nas páginas do Orkut, intitulada “Orkontro Mix Oficial”, convocando “roqueiros” a participarem de um encontro que aconteceria no segundo sábado do mês, no mesmo lugar da Quinta que antes frequentaram e “fundaram”. A escolha da data era uma tentativa de evitar a presença de emos não-desejados. O objetivo, dizia a apresentação na internet, era promover a “confraternização de todos os grupos de rock”, demonstrando o interesse em fugir da presença exclusiva de emos.
- 44 Quando, algum tempo depois, conversei com os “das antigas” sobre o novo evento, percebi que procuravam não mais se apresentar como emos. Eles diziam curtir o som emcore, mas não eram emos. *Ouvem* emo, não *são* emos, enfatizaram. A mudança nas experimentações de si frente ao coletivo emo eram inéditas até então. Como vimos, vários foram os momentos em que ardorosamente defendiam serem eles os verdadeiros emos. Eles alegavam que conheciam em profundidade a música e cabia a eles o direito de serem considerados como tais. Agora, cerca de seis meses depois de os ter conhecido, diziam que emo não é um estilo de vida, mas apenas um tipo de música.

Tadeu: As pessoas que se interessarem pela tematica vão ler, talvez até pesquisar sobre estas outras bandas e ver como este estilo se perdeu... e ficou resumido a caras com franjas no olho, calças apertadas e coloridas que choram atoa... Vamos esperar que não piore ainda mais...

Eu: Então vc não é mais emo?

Tadeu: Cara, eu fui... eu gosto da música mais o ‘movimento’ ta perdido com esses bandos de *posers*... não quero ser visto com um... é muita boiolagem pra mim.

Eu: Boiolagem? Rs

Tadeu: kkkk... muita... não lembra do Orkontro? O emo virou coisa de viado. Sai dessa... gosto de emcore, naum sou emo. O que me serve de consolo é q um dia essa modinha de franja gosmenta sem nexu vai passar! Ah, se vai! .

- 45 O mesmo caminho discursivo era seguido por Leeh, o jovem que mais investiu contra os “*posers*” na internet.

Eu: Como andam as coisas, rapaz?

Leeh: Ta foda, mulek. seus amigo [os “*posers*”] conseguiram espunçar a gente. Taum fudido na nossa mão. Nosso orkontro vai ser melhor!!!!!!!

Eu: Como assim?

Leeh: naum vai ter emo veado...

Eu: mas vc não é emo?

Leeh: NAOOOO, EMO significa uma corrente/estilo musical onde seus adeptos em sua maioria, são os playboys e patticinhas gays... Suas atitudes são calculadas pela conveniência \$ocial e seu ‘look’ estritamente de grifes famosas! Enfim, é a geração ‘danoninho’ num Rio e S.P. impregnado/tomado de ‘É Nós!’.

- 46 Esses trechos de conversa pelo *msn* revelam a intransigência dos jovens que outrora se identificavam como “das antigas” com os “*posers*” e suas experiências homoeróticas. Eles temem ser confundidos por gays ou bissexuais pelas pessoas em geral ao se apresentarem como emo. Suas masculinidades são ameaçadas quando aparecem em contato com os ditos “*posers*”. Declarar-se emo tornou-se semelhante a dizer-se gay. A estratégia

discursiva adotada revela essa tentativa de afastamento, sem abrir mão da possibilidade de ainda ouvirem a música que gostam. Escuta-se emcore, porém, não é possível *ser* emo. Quem se apresenta assim tem logo a sua heterossexualidade colocada em xeque. Se antes apresentar-se como emo era um “símbolo de prestígio”, agora não passa de um “símbolo de estigma” (Goffman, 1988, p: 53), ou seja, uma informação que chama a atenção dos sujeitos para uma suposta característica degradante, a homossexualidade.

- 47 O destaque desses jovens à mudança discursiva de como se apresentam aos outros sujeitos sociais – dizendo não serem mais emos – deve ser tomado como uma relevante medida adotada para evitarem ser confundidos com “*posers*” e, por conseguinte, não-heterossexuais. Isso porque eles não possuem nenhum outro elemento capaz de identificá-los segundo o estereótipo do emo difundido no senso comum. Os ex-“das antigas” não usavam roupas coloridas e apertadas, muito menos tinham seus cabelos tingidos. Eles não gostavam de bandas *mainstream* e conheciam tudo sobre o rock. São indivíduos “desacreditáveis” (Goffman, 1988, p: 14) porque a característica que os distinguia e marcava – ser emo – não se fazia imediatamente evidente na interação. Declarar-se para as pessoas em geral seria como revelar a eles uma opção sexual não-hegemônica. E isso deveria ser evitado a todo custo, a partir da disseminação do estereótipo afeminado do emo.
- 48 A realização de um Orkontro convocando diferentes fãs de rock é outro sinal da fuga de uma identidade emo. Os “das antigas” preferem estar mais próximos dos punks e headbangers do que dos “*posers*”. Conviver com roqueiros cujo *ethos* de virilidade é uma característica marcante os afasta cada vez mais das sentimentalidades do mundo emo. Soube, por meio dos “*posers*”, que o “Orkontro Mix” era um “fracasso”, contando com poucas pessoas. Isso era percebido no baixo número de membros da comunidade no Orkut, apenas 38 interessados, enquanto o mais antigo possuía cerca de 510 adeptos virtuais. Os emos do Rio ainda preferem os encontros hedonistas. A divulgação maciça nos meios de comunicação de um estilo de vida emo fez surgir inúmeros Orkontros na cidade, revela o Orkut, em estacionamentos e praças de alimentação de shoppings ou em áreas a céu aberto. Todas as regiões – seja ela a Sul, a Norte ou a Oeste – possuem diferentes espaços para a confraternização de fãs do emcore, independentemente do “grau” de interesse na música em si.

Exterminador de emos

- 49 Se os “das antigas” já não se diziam emos, os “*posers*”, por sua vez, também passaram a reformular a maneira como se vêem diante do coletivo de ouvintes de emcore. A categoria acusatória de “*poser*”, que outrora pouco os incomodava, começou a ganhar maior dimensão em suas vidas. Junto dela, emergiram preconceitos e atitudes homofóbicas, que levaram os jovens até então despreocupados com suas condutas a rever as suas próprias atitudes. As intensas investidas dos “emos das antigas” em estigmatizar os “*posers*” e fazer com que eles se vejam envolvidos em culpas morais surtiram efeito.
- 50 Pelo *msn*, Machucado me alerta para *scraps* deixados no orkut de Flor. Uma pessoa não identificada, que se auto-denominava “Exterminador de emos”, escrevera comentários bastante preconceituosos contra ela. “Morte a ema fídida!!!”, “Lesbian chic é o caralho!!! Tu e sapataooo... sapataooo... chega de viado e sapa nas comu de roqueiru!” e “uma pica

no seu toba, sua vadia. vai se fuder que eh melhor, aliás naum se naum ia começar a chorar e naum ia parar. Kkkkkkkkkkkkkkk. vao se fudê seus emos”.

- 51 O Exterminador fez outras ameaças virtuais. Depois de Florzinha, tanto Cucky quanto Lili foram alvos de comentários do tipo “emo viado! Enfia uma banana no raboo!! Kkk... tem q morrer!” e “Seus Emorróidas...embalistas... ficam ai dando o cu, escrevendo merda, chorando feito idiotas, vc merecem um tiro bem no meio da testa, bando de vagabundos doentes!!!”. As comunidades existentes nas páginas do agressor são orientadas para críticas emo tais como “Morte aos emos!”, “Eu odeio *posers!*”, “Odeio *poser* metido a gótico”, “Movimento anti-emo”, “Curso de fotografia para emos, já!” e “Emos, devolvam nossas coisas”. A fotografia principal dele era a imagem de Adolf Hitler e seu álbum possuía diversas fotos de Slobodan Milosevic, ex-presidente da antiga Iugoslávia, conhecido como o “carniceiro dos balcãs”. O Exterminador aproveitava o espaço onde poderia se auto-definir para escrever:

emo nao é rock. emo é gayzise. esses *posers* filhos da puta so sabem chorar!!
 Porra...que emo gay. meu deus, puta que paril, caralho! *posers* tem que morrer!!!!!!
 eu ja espanquei um. a bicha fico dando encima de mim...vai pro caralho. esses depressivos merecem ir po raio q os partas vao po 5.dos infernos seus viados vao chorar no inferno suas pragas emofroditas . seu pegar um de vçs na porrada eu nao vou quebrar suas unhas, vou quebrar seus ossos e cranios e os mandar pro hospital em coma eterno seus boiolas. Morte aos emos. Viva o rock!

- 52 Os escritos do Exterminador apontavam para uma crescente onda anti-emo. As críticas seguiam uma linha homofóbica, com palavras de baixo calão e insultos à integridade física e moral dos jovens. Elas partem de pessoas que se identificam com distintos grupos, como skinheads, punks, darks e skatistas. Além do preconceito com as escolhas não heterodoxas dos emos, eles os acusam de copiar estilos de se vestir que seriam exclusivos a certos grupos. É comum os acusadores usarem imagens e símbolos de movimentos ligados a políticas de execução sumária, como o nazismo e o stalinismo.
- 53 Na época das investidas do Exterminador, recebemos notícias de conflitos na cidade de Queretáro, no México. Cerca de duzentos jovens ligados a tais correntes anti-emos combinaram pela internet uma ação de repúdio que resultou em mais de 30 detidos e vários feridos. Nesse dia, a polícia mexicana foi obrigada a intervir contra um princípio de batalha campal entre os adolescentes. As ações foram tão intensas que autoridades de Tijuana, outra cidade mexicana, anunciaram reforço do policiamento na cidade, por causa de outra mobilização orquestrada. As câmeras das televisões locais registraram o incidente bem como os celulares de vários envolvidos. As imagens foram disponibilizadas no *youtube* e recebidas com temor e ojeriza pelos emos da Quinta⁷.
- 54 Os jovens passaram a temer as investidas do Exterminador. Acham ser ele alguém “das antigas”. Começaram a ter receio das ações segregacionistas e de violência, passando a controlar a utilização de indícios como roupas e acessórios que poderiam demonstrar sua filiação ao emocore. Estaríamos aqui diante daquilo que Goffman classificou de “controle da informação sobre o estigma” por parte do sujeito desacreditado, a pessoa cujo estigma é aparente, sendo possível ter dela um conhecimento prévio (Goffman, 1988, p: 51). Nesse caso, os “*posers*” enfrentam um dilema entre ocultar ou não um conjunto de “símbolos de estigma”. Passaram a não mais sair à rua com suas roupas típicas e muito menos maquiados. Os acessórios e bichos de pelúcia pendurados na mochila também deixariam de ser exibidos. Na internet, apagaram as informações sobre o emo. O estilo de vida que outrora era explicitado com prazer por eles, passou a ser encoberto e cautelosamente delimitado.

- 55 O medo da violência levou os jovens a analisar para quem eles se declaravam emos. A intensificação dos conflitos com os “das antigas” fez com que os “pioneiros” não mais se dissessem como tal. Já os “posers” continuavam emos, mas controlavam ao máximo a identificação que possuíam com o estilo. Apesar de nunca terem descoberto quem era o Exterminador, vivenciaram as acusações como fruto das tensões provocadas pelos “das antigas”. A manifestação do preconceito e as ameaças frequentes os faziam pela primeira vez compreender a sua condição como algo negativo e socialmente marcado de forma pejorativa. Becker (2008) nos chama atenção para o fato de a rotulação não explicar completamente as atitudes adotadas pelo sujeito. Todavia, ela acaba colocando o indivíduo em certas situações que tornam mais difícil “(...) levar adiante as rotinas normais da vida cotidiana” (Becker 2008, p: 181). Portanto, eram atitudes não-rotineiras, cada vez mais controladas e comedidas, que se observava no dia-a-dia do “poser”.
- 56 O caso do Exterminador evidenciou o quanto a violência tornou-se um foco de preocupação para os “posers”. Não que ela fosse uma “ideologia”. As atitudes violentas são condenadas pelo grupo. Eles pregam a paz entre os sujeitos e uma valorização de sentimentos como “amor” e “amizade”. Entretanto, a ofensiva contra os jovens tornou-se mais intensa e frequente a partir de um certo momento de minha pesquisa de campo. Pude sentir ao seu lado – tanto nas ruas quanto na internet – o grande perigo que é enfrentar o mundo diante do grau de exposição que vivenciam. Olhares, cochichos e comentários mais diretos eram quase que diários e rotineiros, além da agressão física ser sempre uma possibilidade a cada esquina.

Conflitos e manutenção de fronteiras entre os emos

- 57 Como pudemos constatar ao longo deste artigo, não há entre os partícipes do movimento emo uma estabilidade identitária e um estilo de vida único, capaz de satisfazer o afã classificatório e sistematizador de certos *ethos* antropológicos. Ao conviver com os jovens, percebia diferenciadas maneiras de fruir o interesse pelo emo, sem consenso acerca do que era ser um fã do estilo. Versões distintas do “ser emo” eram formuladas e vivenciadas pelos sujeitos, sendo configuradas em parte dos casos umas contra as outras.
- 58 O conflito existente entre os frequentadores do Orkontro indicava para uma necessidade em compreender as identidades juvenis não como fechadas, estáveis e homogêneas, mas dinâmicas, fluidas e incoerentes. Suas noções sobre “poser” e “das antigas” exprimiam relações dinâmicas interpessoais, cujos significados dependiam mais das situações específicas de interação (muitas das vezes fortuitas) do que uma condição naturalizada ou previamente dada desses sujeitos. Fredrik Barth (2000) oferece formulações teóricas que permitem refletir sobre a identidade de grupos sociais a partir de uma visão mais interacionista e relacional das atitudes e comportamentos do sujeitos. Ao invés de reificar a concepção clássica de que um determinado agregado de indivíduos compartilha harmoniosamente certos elementos culturais, o autor observa as configurações grupais por meio de suas conflitivas dinâmicas de manutenção das fronteiras, isto é, o processo executado pelos indivíduos a fim de manterem (ou não) as distinções entre a coletividade que se vêem participantes e as outras das quais procuram se afastar. “Dito de outro modo, as distinções étnicas não dependem da ausência de interação e aceitação sociais mas, ao contrário, são freqüentemente a própria base sobre o qual os sistemas sociais são construídos” (Barth 2000, p: 26).

- 59 Apesar de Barth formular seu argumento a partir das distinções estabelecidas entre dois ou mais grupos – por exemplo, a manutenção das fronteiras étnicas entre os Pathan e os Baluchi do Oriente Médio – é possível trazermos as reflexões para o interior de um mesmo grupo e seus participantes. Sendo assim, a discussão desloca-se das margens fronteiriças do grupo emo com os demais segmentos juvenis (por exemplo, os punks e headbangers) para a constituição interna e histórica deste próprio grupo, que, todavia, em nenhum momento deixa de favorecer uma reflexão em torno de suas próprias “fronteiras étnicas”. Isso ocorre porque as expressões de si de uma dada identidade precisam ser validadas a todo instante por meio das interações dos indivíduos participantes do mesmo grupo e as avaliações que fazem de uns com os outros. Barth deposita grande valor nos termos que os sujeitos utilizam para categorizar a si mesmos e aos outros numa interação, e são estas atribuições discursivas e de grande significância para eles que serão levadas em conta na “manutenção das fronteiras” do grupo de emos.
- 60 As identificações dos jovens como membros do movimento emo pressupunha o compartilhar de um gosto em comum, a música emcore. Por um tempo, certos valores e categorias orientaram as ações dos indivíduos para um conjunto limitado de elementos culturais que destacavam o interesse pela música como característica definidora do grupo, emergindo a partir daí uma fronteira clara para a definição do que é ser um fã de emo. Como afirmava os “das antigas”, “ser emo” era conhecer em profundidade toda a trajetória do movimento emcore e ouvir as bandas mais antigas e *underground*. O verdadeiro emo seria aquele que vive mergulhado em tal mundo artístico e que conhece muito pouco dos demais estilos. Sua cor preferida era o preto, como de qualquer roqueiro. Gostar de músicas sentimentais era fugir de um *ethos* masculino hegemônico, mas sem necessariamente se aproximar de elementos tomados como femininos e/ou não-heterossexuais.
- 61 Esse modelo servia para que os “das antigas” construíssem as suas imagens e avaliassem as formas de atuação de outros parceiros. Por um período, principalmente nos primeiros Orkontros, certos emos compartilharam estas formas específicas de comportamento, servindo como uma unidade básica na apresentação de si para outros. As particularidades entre esses fãs não eram capazes de ultrapassar o compromisso comum com estes determinados “padrões valorativos” (Barth, 2000, p: 49), que mantinham a fronteira dos fãs de emo em torno da música *underground* e da heteronormatividade.
- 62 Assim, os “posers” surgiram como ameaças à unidade do grupo da Quinta em torno de tais características essenciais. Ao analisar as dimensões positivas trazidas às interações por meio do conflito entre suas partes – rompendo com a ideia de que ele é sempre um estado de anomia e desestabilizador da unidade social – Georg Simmel (1964) esclarece que o ódio sentido por certos indivíduos em relação a membros de seu próprio meio liga-se ao fato dessas partes não-desejadas trazerem perigo à preservação do grupo. O processo de estigmatização sofrido pelos novos fãs é uma tentativa dos “das antigas” em impedir que os valores por eles defendidos não sejam abalados por indivíduos próximos. As discordâncias entre os emos não são pontuais e específicas, elas remetem à unidade e coerência do grupo. “Each party fights, as it were, in the name of the whole group and must hate in its adversary not only its own enemy but at the same time the enemy of the higher sociological unit” (Simmel, 1964, p: 50).
- 63 Os “das antigas” falam em nome de uma tradição, de um estilo de vida cuja “essência” é por eles dominada, a qual os novos emos não são capazes de reproduzir. Porém, mesmo com essas investidas, a diversificação interna do grupo se tornou tão intensa numa

perspectiva diacrônica que chegou ao ponto de provocar divisões e reformulações nas performances e sensações de pertencimento dos indivíduos ao coletivo emo. Barth nos fala que a constituição interativa das identidades de um grupo permite aos sujeitos reconstruírem o conjunto limitado de características definidoras de seus estilos de vida. Apesar da maior parte da matéria cultural se transformar sem implicar em reformulações na manutenção das fronteiras, existem casos em que ocorrem “mudanças na unidade ocasionadas por transformações nas diferenças culturais definidoras de fronteiras”⁸ (Barth, 2000, p. 66).

- 64 No caso do emocore da Quinta, os critérios para determinação das fronteiras do grupo foram gradativamente se tornando ambíguos, ao ponto de colocarem em xeque a centralidade do *underground* e da heterossexualidade. Dessa forma, muitos sujeitos conseguiram fazer com que o conteúdos básicos ou as características da identidade para se reconhecer como emo fossem modificadas. Se antes elas giravam em torno dessas características tão propagadas pelos “das antigas”, a partir de um período começaram a orbitar em torno de outro eixo de identificação, reformulado pelos “posers”. “Meu argumento é que as identidades étnicas não são mantidas quando esses limites [conteúdos básicos] são ultrapassados, pois o compromisso com determinados padrões valorativos não será sustentado em circunstâncias que tornam a performance comparativamente muito inadequada em termos desses padrões” (Barth, 2000, p: 49).
- 65 Os supostos “posers” encontraram espaço no emocore e fizeram de suas experiências as novas fronteiras da identidade emo, usando-as “para desenvolver novas posições e padrões a fim de organizar atividades naqueles setores previamente não encontrados em sua sociedade, ou que não eram suficientemente desenvolvidos no que diz respeito aos novos objetivos surgidos” (Barth, 2000, p:60). Eles promulgam uma vivência estética e artística não muito condizente com os pressupostos do rock, inclusive a possibilidade de estabelecer relações erótico-afetivas com semelhantes, mesmo quando as circunstâncias tornam-se desfavoráveis, fazendo-os controlar as informações que cedem aos outros. Este estilo ganhou inúmeros adeptos e incrementou em grande número a quantidade de pessoas que se apresentavam como emo segundo esses “novos” critérios.
- 66 A preeminência desse estilo de vida entre os emos sob a minoria de héteros “das antigas” fez com que estes revisem suas posições. Manter a identidade emo nessas circunstâncias era condenar-se ao fracasso e ser confundido com um “poser”. Tornava-se mais vantajoso se afastar da apresentação de si como emo a conviver com outros pares que colocavam em segundo plano os valores outrora preponderantes, e lhes exigiam novos critérios de pertencimento que não condiziam com suas possibilidades e desejos de atuação. É inegável que fatores externos ao grupo, isto é, as performances e formulações de não-emos acerca do que é ser emo, muito contribuíram para a desfiliação de certos participantes do Orkontro da Quinta. Entretanto, como vimos, as tensões foram também estimuladas e reificadas no interior do próprio grupo por parte de seus sujeitos constituintes, a partir de suas atitudes e comportamentos uns para com os outros. Simmel também demonstra que uma das conseqüências do conflito interno de um grupo é a constituição de novos grupos ou outras formas de organização essencialmente distintas dos elementos elencados como prioritários pelo conjunto originário de indivíduos⁹.
- 67 No início do campo, tanto os “das antigas” quanto os “posers” se viam como emos, conviviam e indicavam suas experiências juvenis como “de emos”, apesar das divergências de entendimento sobre o que era esse estilo de vida. Ao longo do tempo, por razões distintas, tais indivíduos reviram seus posicionamentos diante dessa mesma

coletividade, promovendo reflexões constantes acerca de suas condições e a de outros jovens. Os “das antigas” se viram confundidos como “posers” e negavam a identidade emo. Os “posers” sentiram a necessidade de manipular a sua identificação com o emocore a fim de evitarem estigmatizações. Os emos definem seus posicionamentos sociais e reordenam as suas experiências a partir de múltiplas referências, um reelaborar constante e intenso de si, sempre levando em consideração suas relações com os outros, principalmente os mais próximos.

BIBLIOGRAPHY

- ALMEIDA, Maria Isabel M. de e TRACY, Kátia Maria de A. **Noites Nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.
- BECKER, Howard. **Art Worlds**. Berkeley: University of Califórnia Press, 1982.
- _____. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BISPO, Raphael. **Jovens Werthers: antropologia dos amores e sensibilidades no mundo emo**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PPGAS/ MN/ UFRJ, 2009.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- _____. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- MAYER, Adrian. “A importância dos ‘quase-grupos’ nos estudos das sociedades complexas”. In: B. Feldman-Bianco (org.), **Antropologia das sociedades contemporâneas – métodos**. São Paulo: Global, 1987.
- SIMMEL, Georg. “Conflict”. In: **Conflict and the Web of Group Affiliations**. NY/London: The Free Press/MacMillan Publishers, 1964.
- _____. **Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- WEEKS, Jeffrey e PORTER, Kevin. **Between the acts: lives of homosexual men 1885-1967**. London/New York: Rivers Oram, 1998.

NOTES

1. Abreviação do termo “emotional hardcore”, segmento do rock surgido em meados dos anos 80 na cena alternativa musical dos Estados Unidos, e que procura encampar variados tipos de bandas roqueiras que compõem músicas com temas românticos conjugados a acordes sonoros graves e pesados. Mais detalhes sobre a trajetória do emocore e sua popularização a partir do ano 2000, ver Bispo (2009).

2. Adoto aqui uma visão ampla da idéia de interacionismo, não me restringindo aos autores rotineiramente enquadrados como membros da “Escola de Chicago”, tais como Erving Goffman (1985 e 1988) e Howard Becker (1982 e 2008) que, todavia, ganham destaque neste trabalho. Incluo sobre essa mancha analítica, autores que estão menos interessados nas qualidades pessoais e sociais dos indivíduos em si mesmas mas, sim, atentos aos processos e influências a que eles se submetem quando em contato uns com os outros, como Georg Simmel (1964 e 2006) e Fredrik Barth (2000).

3. Faz-se necessário esclarecer a maneira como o termo “grupo emo” será usado neste artigo. Utilizo o termo “grupo” de maneira bem restrita, para me referir aos jovens com quem convivi durante alguns meses tanto pelos espaços da cidade quanto na internet, conforme a interpretação de Mayer de que o grupo é a constituição “de um número determinado de membros que mantém alguma forma de interação esperada entre si” (Mayer, 1987, p: 127). Em muitos casos, o conceito “grupo” pode sugerir a idéia de um todo minimamente organizado, com objetivos em comum, papéis dependentes e intercalados entre si bem como o compartilhamento de um ethos e visão de mundo específicos. Apesar da existência de recorrências entre os emos do orkontro, o que mais verificaremos aqui são percepções diferenciadas sobre o que é “ser emo”. Portanto, o conceito de “grupo” emerge aqui em termos de interações entre certos indivíduos e não como referência ao compartilhamento de uma identidade em comum.

4. Como é possível constatar, o termo “das antigas” não é uma referência à idade dos emos. Eles estão na mesma faixa etária dos “posers” que tanto acusam, ou seja, entre 14 e 19 anos. O “das antigas” é referência ao fato de escutarem emcore há mais tempo do que todos os outros emos do Orkontro.

5. Programa de mensagens instantâneas muito utilizado pela juventude. Ele permite que um usuário da internet se relacione com outro em tempo real. Utilizando-se mensagens de textos é possível conversar com os amigos de maneira mais particular.

6. Optei neste trabalho por manter a maneira como os jovens deixam escritas suas mensagens na internet. Não corrigirei erros de português, nem possíveis problemas de concordância.

7. Algumas imagens podem ser vistas em: <http://www.youtube.com/watch?v=5kcYt-AYRXg>, <http://www.youtube.com/watch?v=oAsNih3jG9g> e <http://www.youtube.com/watch?v=JDXypZOzhUU&NR=1>. Um dos propulsores do movimento anti-emo no México é um apresentador de televisão e suas falas mais emblemáticas estão disponíveis nos seguintes endereços eletrônicos: <http://www.youtube.com/watch?v=XEQshjri6P8&feature=related> e <http://www.youtube.com/watch?v=PlkC9xPI620&feature=related>.

8. Barth afirma que o mais comum de acontecer é que os sujeitos procurem novas identidades alternativas ao seu alcance, permanecendo o grupo étnico e suas características básicas intactos, de certa maneira. Todavia, não foi isso que acompanhamos entre os emos da Quinta da Boa Vista. A eclosão de novos agentes culturais, os ditos “posers”, promoveu uma reformulação no “ser emo”. As características anteriores compartilhadas pelos “das antigas” não puderam ser sustentadas com sucesso. Houve mudanças de identidade – com os “das antigas” dizendo não serem mais emo –, porém, não provocada pela persistência das fronteiras anteriores mas, na verdade, através da mudança para novas configurações identitárias.

9. Assim escreveu Simmel: “On the other hand, each element in a plurality may have its own opponent is the same for all elements, they all unite – and in this case, they may, prior to that, not have anything do with each other; or they may have had, but now new groups emerge among them” (Simmel, 1964, p: 91-92).

ABSTRACTS

Este artigo tem como proposta analisar o estilo de vida da juventude constituinte de um mundo artístico contemporâneo, o Emo, do rock sentimental e valorizador de atitudes românticas. A partir de um trabalho de campo realizado no Rio de Janeiro, privilegia-se aqui uma análise do processo de formulação e contraposição de “identidades” realizado por um grupo de emos carioca, enfatizando as dinâmicas de afastamento e aproximação destes jovens à “identidade emo” disseminada na cena roqueira da cidade. O foco incide sobre as acusações e tentativas de estigmatização feitas pelos “emos das antigas” aos novos fãs do gênero, classificados por eles como “posers de emo”. Além de um suposto mau gosto musical, condenado pelos “das antigas”, os conflitos entre os jovens emergem também a partir da valorização positiva da “homossexualidade” pelos “posers”, acompanhada de uma incitação um tanto romântica à experimentação homoerótica.

This article is an analysis of the young people who participate in a part of the contemporary art world, the Emo – sentimental rock music related to a romantic ethos. Based on an ethnographic research that took place in Rio de Janeiro, we investigate here the process of formulation and contraposition of “identities” between a group of cariocas emos, emphasizing the dynamic of removal and approach of the young to the “emo identity” in the rock musician scene of the city. Important here are the accusations and attempts of stigmatization made by the “emos of old ages” to the new fans, classified by them as “posers of emo”. Besides a bad presumption musical taste, condemned by “emos of old ages”, the conflicts between the young also emerge from the positive valuation of “homosexuality” by “posers”, followed with a romantic incitation to an homoerotic experimentation life style.

INDEX

Keywords: emo, youth, life style

Palavras-chave: juventude, estilos de vida

AUTHOR

RAPHAEL BISPO

É mestre em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ (2009) articulando um estudo sobre juventude, cultura de massa e emoções baseado numa rede de interações de jovens roqueiros emos na cidade do Rio de Janeiro. Atualmente, dedica-se ao doutorado na mesma instituição que realizou seu mestrado, com uma pesquisa sobre televisão e gerações.

Museu Nacional/UFRJ

rapha_bispo@yahoo.com.br